

Uma saudade nunca saciada: Deus, utopia, e o transcendente sensato¹

A Never Fulfilled *Saudade*: God, Utopia, and the Sensible Transcendent

Callid Keefe-Perry²

RESUMO

Neste ensaio considero algumas das implicações do pensamento de Alves ao lado do trabalho da teóloga feminista Grace Jantzen, cujas consequências proporcionam um terreno fértil para a reflexão futura. Primeiro exploro algumas das maneiras pelas quais a ênfase de Alves na saudade pode ser vista como intimamente relacionada ao seu pensamento sobre utopia e imaginação. Interpretar esses temas em relação ao pensamento de Jantzen mostra a importância de prestar atenção à materialidade e às formas pelas quais a preocupação positiva com a personificação e a particularidade servem para nos convidar a um maior florescimento e engajamento com o sofrimento.

Palavras-chave: Rubem Alves; Saudade; Futuro.

ABSTRACT

In this essay I consider some of the implications of Alves' thinking alongside the work of feminist theologian Grace Jantzen, the consequences of which provide a fertile ground for future reflection. First I explore some of the ways in which Alves' emphasis on saudade can be seen as intimately related to his thinking about both utopia and imagination. Interpreting these topics with the use of Jantzen's thinking shows the importance of paying attention to materiality and the ways in which positive concern for embodiment and particularity serves to invite us into greater flourishing and engagement with suffering.

Keywords: Rubem Alves; Saudade; Future.

Teologia não é coisa de quem acredita em Deus, mas de quem tem saudades de Deus.
(ALVES, 2004, p. 17)

¹ Traduzido por Danilo Mendes, doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF.

² Doutor em Teologia - Boston University School of Theology. E-mail: callid.kp@bc.edu

Embora as consequências da COVID-19 continuem a nos chamar a atenção das notícias, o fato é que essa pandemia está se juntando a outras pandemias que persistem há anos. No contexto dos Estados Unidos, nos últimos dois anos houve a ascensão do termo “pandemia tripla” para se referir às realidades sobrepostas do Coronavírus, da supremacia branca e da crise ecológica. Embora eu esteja incerto sobre a veracidade disso em outros países — embora eu imagine que haja algumas ressonâncias — nos EUA faz sentido se referir a estes três como correlatos. Por exemplo, embora a pandemia viral tenha sido difícil para muitos, os dados mostram que o COVID-19 teve um impacto desproporcionalmente maior sobre as famílias negras e hispânicas, tanto em termos de (1) saúde e estar em maior risco de adoecer e morrer de COVID-19 (CDC, 2022); bem como em termos de (2) economia e ser mais propenso a perder renda e experimentar dificuldades para pagar aluguel ou fazer pagamentos hipotecários no prazo correto (CORNELISSEN; HERMANN, 2020). Da mesma forma, pesquisas sugerem que o impacto das mudanças climáticas em curso já impacta e continuará impactando desproporcionalmente as pessoas racializadas (FROSCHE et al, 2018). Menciono estes não para sinalizar um artigo cheio de dados sociológicos, mas para apontar que a “era da pandemia” não terminará com a vacinação. Nossas lutas e doenças são muito mais profundas do que essa era. Consequentemente, nosso anseio pelo seu fim será mais prolongado, fato que torna as contribuições de Rubem Alves ainda mais relevantes.

Como muitos aqui sabem, o sentimento de saudade foi central para o trabalho teológico de Alves (ALVES, 1990, p. 15). Se você conhece português, você conhece também o sentimento de saudade em seu corpo. Para outros, a palavra é um desafio de tradução. Não há tradução exata, que eu conheça, em inglês ou italiano. É uma espécie de desejo infinito. Mas é pontiagudo e dilacerante. Nada abstrato. Alves diz que “é um sentimento próximo à nostalgia. Mas... saudade é sempre saudade de um cenário, um rosto, uma cena, um tempo. É como arrumar o quarto do filho que já morreu. É a presença de uma ausência” (ALVES, 1990, p. 15). Ler um ensaio como “Deus Morreu, Viva Deus!” de Alves é um exercício de saudade teológica.

Neste ensaio considero algumas das implicações do pensamento de Alves ao lado do trabalho da teóloga feminista Grace Jantzen, cujas consequências proporcionam um terreno fértil para a reflexão futura. Primeiro exploro algumas das maneiras pelas quais a ênfase de Alves na saudade pode ser vista como intimamente relacionada ao seu pensamento sobre utopia e imaginação. Interpretar esses temas em relação ao pensamento de Jantzen mostra a importância de prestar atenção à materialidade e às formas pelas quais a preocupação positiva com a personificação e a particularidade servem para nos convidar a um maior florescimento e engajamento com o sofrimento.

1. Sempre alcançando e nunca chegando

Na afirmação de Alves de que “A teologia não é a coisa daqueles que acreditam em Deus, mas daqueles que têm saudade de Deus”, podemos ver uma tecelagem clara do seu uso da saudade e o papel que a morte de Deus desempenha em seu pensamento. Longe de um Deus de certeza e determinação, Alves vislumbra um Deus de convites e possibilidades.

O símbolo “Deus” articula uma experiência messiânica da história, uma interpretação do tempo na sua dimensão futura como tempo de promessa, tempo de libertação, tempo como convite. Tal interpretação se torna geratriz de uma visão global na qual a própria criação é entendida como uma função da história e não simplesmente como aquilo que a precede. A natureza subordina-se assim à liberdade (ALVES, 1972, p. 16).

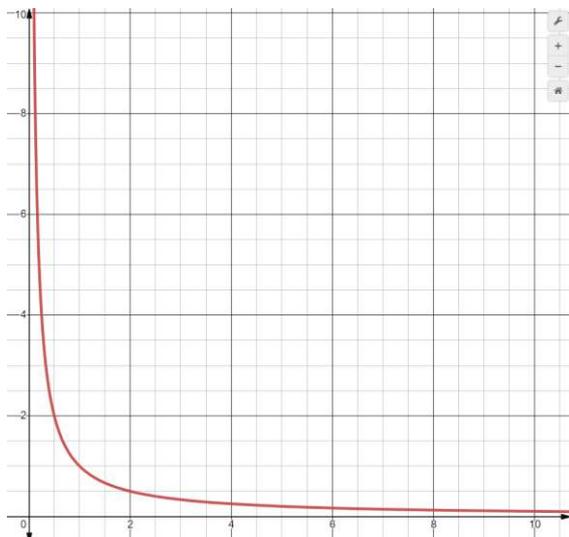
Sugiro que uma das formas de pensar no “tempo como convite”, é considerar o conceito de utopia como a fonte da saudade teológica. O “não lugar” que é uma utopia é a “presença de uma ausência” e funciona para nos convidar para um objetivo que nunca alcançaremos. Descobri que uma comparação da matemática é útil quando se considera essa ideia. Uma maneira poderosa para entender o conceito de utopia é através do conceito de assíntota. Falaremos sobre o que é isso olhando para a equação $y=1/x$.

A tabela abaixo mostra resultados para a função $y=1/x$. Se você diz que $y=1$ então $x = 1$. Se você disser que $y=2$ então $x=0,5$ (porque $1/2 = 0,5$). Veja o que acontece quando se aumenta y . Uma vez que x está na metade inferior de uma fração, à medida que o valor de y fica maior, o valor de x fica menor. Exatamente o oposto acontece à medida que x fica maior. Quanto maior x fica, menor y fica.

e	x	e	x
1	1,000	1,000	1
2	0,500	0,500	2
3	0,333	0,333	3
4	0,250	0,250	4
5	0,200	0,200	5
6	0,167	0,167	6
7	0,143	0,143	7
8	0,125	0,125	8
9	0,111	0,111	9
10	0,100	0,100	10

Em gráfico, esta parte de $y=1/x$ parece o gráfico para a direita. À medida que x fica ainda maior que 10, y fica simultaneamente mais perto de 0. Por exemplo, quando $x = 1.000.000$ então $y = 0,0000001$. Este padrão pode ser descrito como: “à medida que x se aproxima do infinito y se aproxima 0”. Isso é o que em matemática é chamado de “limite”. Na equação $y=1/x$, y nunca realmente atinge o valor 0, ele só fica infinitamente perto dele. Nunca há um número para x em que essa linha curva vermelha cruza o ponto no eixo horizontal. O mesmo acontece no eixo vertical. A curva que se estende nunca cruza o eixo vertical. Nesta equação, os eixos x e y são ambos “assíntotas”. São as coisas às quais as curvas se dirigem, mas nunca alcançam.

A utilidade dessa peça de matemática como metáfora é que, embora saibamos que a curva grafada nunca atingirá nenhum dos eixos, ainda faz sentido falar sobre a curva em relação à linha que ela nunca alcança. Embora nunca chegue, essa curva está se aproximando dos eixos x e y . As assíntotas são os lugares nunca alcançados, mas que definem a trajetória do nosso movimento à medida que prosseguimos. Assíntotas permitem nos referir ao lugar quando uma intersecção ocorreria no infinito, mas que nunca chega na realidade. É assim que penso sobre o funcionamento da utopia na teologia, especialmente na teologia da libertação. Usamo-la para descrever para onde estamos indo, mas nunca chegaremos lá. Como, porém, essa “intersecção que nunca chega” nos ajuda a pensar na teologia neste presente? E o que isso tem a ver com utopias? Grace Jantzen é útil nesse caso.



Embora nunca chegue, essa curva está se aproximando dos eixos x e y . As assíntotas são os lugares nunca alcançados, mas que definem a trajetória do nosso movimento à medida que prosseguimos. Assíntotas permitem nos referir ao lugar quando uma intersecção ocorreria no infinito, mas que nunca chega na realidade. É assim que penso sobre o funcionamento da utopia na teologia, especialmente na teologia da libertação. Usamo-la para descrever para onde estamos indo, mas nunca chegaremos lá. Como, porém, essa “intersecção que nunca chega” nos ajuda a pensar na teologia neste presente? E o que isso tem a ver com

utopias? Grace Jantzen é útil nesse caso.

Jantzen aborda a ideia de utopia em uma discussão sobre como a literatura de guerra grega clássica, como Homero, tornou-se fundamental para a imaginação ocidental preocupada com a morte. Ela lembra a poeta Safo, que também era prolífica e grega, mas cujo trabalho foi eclipsado por Homero em parte porque ela era uma mulher. Assim, enquanto “homens cuja violência heroica e investimento na morte primitiva e gloriosa foi tomada como o ideal de beleza e excelência”, não precisava ser assim e não precisava ficar assim (JANTZEN, 2004, p. 67). Embora a literatura sáfica não tenha se tornado a base do pensamento ocidental, a presença de Safo persiste como uma espécie de possibilidade ecoante do que poderia ter sido e ainda poderia ser.

Fragmentos permanecem. E em sua natureza fragmentária e irregular eles interrompem a narrativa suave da auto-constituição ocidental... Não podemos desfazer a história de Ocidente. Mas ao desafiar sua suposta inevitabilidade, olhando o máximo que pudermos pelas estradas não tomadas, podemos nos tornar mais claros sobre as maneiras como o poder e o conhecimento forjaram uma narrativa violenta e mortal que poderia ter se dado de outra forma (JANTZEN, 2004, p. 67).

A voz de Safo, embora reprimida, não foi totalmente apagada e pode servir como a semente da qual podemos começar a sonhar o que uma história alternativa pode ser (JANTZEN, 2004, p. 68). Na esperança utópica, “olhando o mais longe que pudermos pelas estradas não tomadas”, diz-nos uma assíntota. Utopia é o que devemos abordar se quisermos mudar. No limite de nossa saudade encontramos a vida abundante.

Jantzen lembra ao leitor que, politicamente falando, “a visão para a mudança positiva foi apresentada como utopia”, e reitera que a etimologia grega da utopia

literalmente a torna “sem lugar”. Uma utopia “não existe e talvez nunca possa existir” (JANTZEN, 2008, p. 54). Sugiro que seja precisamente porque é inatingível, porque é assintótica e além do contato, que quando se vira “olhar para a estrada” em direção a ela, a visão deve se estender para além do presente. Utopia é “o lugar de onde alternativas reais podem ser imaginadas” (JANTZEN, 2007, p. 189). Alves faz uma afirmação semelhante sobre a própria religião enquanto luta com Feuerbach.

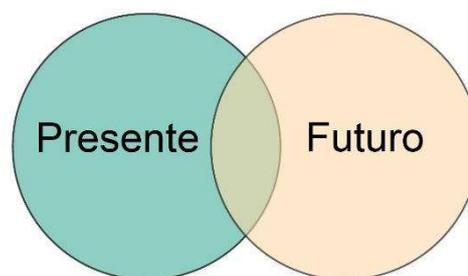
É por isto que mesmo suas fantasias e sonhos têm sentido: eles contêm o segredo da transcendência humana, o seu protesto contra a condição humana, tal como ela é. Assim, se a religião é um sonho da mente humana e se Deus é um ator que a mente cria para funcionar neste teatro da imaginação, ela é a mensagem cifrada que a essência do homem — o homem que pode vir a ser, no futuro — dirige ao homem que existe no presente (ALVES, 1972, p. 14).

Mesmo que “religião seja um sonho da mente humana e que Deus seja um ator que a mente cria”, o fato é que nosso tempo gasto neste “teatro da imaginação” nos leva a um encontro com algo que nos convida para o que podemos nos tornar. É por isso que Alves diz que o problema intelectual que a “morte de Deus” nos apresenta “não é a triste tarefa de coveiros do eterno”, mas é, em vez disso, um desafio de “descobrir como novas formas de experiência humana que, ainda que de forma germinal, começam a se expressar” (ALVES, 1972, p. 11). Assim como a voz de Safo pode servir como a semente na qual podemos começar a sonhar, Deus também se coloca no teatro da imaginação. A ideia que nunca chega ainda molda nosso movimento no presente. A questão é: como isso acontece?

2. A imaginação é a sementeira de conversão

Penso na imaginação em termos espaciais como o “lugar” onde nossas ideias de agora e depois vivem. É a sobreposição entre como interpretamos o presente e como pensamos que o futuro pode ser. A imaginação é o lar da interpretação. Alves escreve que,

A imaginação não é um instrumento de clarividência feito para revelar os segredos do futuro ou de outro mundo. É um espelho. O impossível que ele reflete é o impossível que é realmente vivido. O segredo das utopias é, portanto, a realidade a partir da qual elas crescem (ALVES, 2011, p. 106).



O que encontramos em nossa imaginação — especialmente quando perguntamos o que imaginamos que Deus quer para nós e para o mundo — pode ser transformador. As sementes do futuro se nutrem com a imaginação do presente. Entretanto, elas não são concretizadas através de promessas e previsões, mas através da prática e do jogo.

O trabalho que Bruno Linhares tem feito sobre o pensamento de Alves é incrivelmente perspicaz neste ponto:

A imaginação alimenta o prazer ao permitir o jogo mesmo com uma subversão das regras estabelecidas e, como resultado, podemos encontrar novas soluções para as situações da vida. A imaginação também forma uma imagem utópica do futuro. É na formação da ideia de um futuro transformado pela esperança que possíveis mudanças possam ser alcançadas [...]. Por essa razão, rituais mágicos, brincadeiras e sonhos utópicos não devem ser considerados sintomas de uma doença ainda que sejam vistos pela civilização ocidental como valores disfuncionais, não pragmáticos e irreais. Alves [...] busca, em outras palavras, imaginar o nascimento de uma nova cultura. Como o mundo ainda não está completo porque Deus ainda está exercendo poderes criativos, o tempo atual de cativo não é um tempo de nascimento, mas um tempo da concepção de uma comunidade de fé (LINHARES, 2014, p. 37).

O que Alves vê no pensamento utópico não é decididamente um projeto transcendente para uma sociedade perfeita, mas um convite e uma inspiração para algo novo. Trata-se de esperança e mudança muito mais do que certeza e promessa. Não é a esperança inevitável de uma revolução marxista ou a esperança escatológica cristã do dispensacionismo milenar. É uma esperança muito menos determinada do que qualquer uma dessas e muito mais precária e contingente. É uma esperança que requer a brincadeira e a particularidade da carne. Mais uma vez Jantzen é útil nesse ponto.

Para Jantzen, a esperança só pode ser encontrada nas particularidades dos corpos reais em um planeta real: no que diz respeito à história, a certeza requer o tipo de abstração que torna mais difícil prestar atenção às particularidades. Ela argumenta sobre isso através de um engajamento significativo com o trabalho de Luce Irigaray e o conceito de “transcendente sensato”. Discutir “a trajetória da pessoa que percebe a beleza, a ama e ao se unir com a beleza se torna divina” (JANTZEN, 1999, p. 272), Jantzen cita Irigaray, que diz que tal pessoa

teria alcançado o que eu chamaria de um transcendente sensato, a textura material da beleza... a beleza em si é vista como o que confunde a oposição entre imanência e transcendência. Como um horizonte sempre já sensível de que tudo poderia aparecer (IRIGARAY, 1993, p. 32-33).

Jantzen traça um paralelo aqui para seu próprio projeto, observando que

a beleza não pode ser independente e flutuar livre da questão física de uma pintura ou escultura, nem a transcendência pode flutuar livre de sua configuração sensata... O transcendente e o imanente não devem ser entendidos como opostos. Em vez disso, o transcendente sensato, a projeção panteísta da divina feminina, se abre... trazendo o deus para viver através de nós (JANTZEN, 1999, p. 272).

Jantzen argumenta que quando a transcendência e a imanência são concebidas como opostos, a consequência é uma estagnação do possível. A partir de Irigaray, ela sugere que manter filosoficamente essa divisão faz parte do que dá origem às teorias do dualismo mente-corpo, uma situação combativa entre lógica e razão sobre e contra o afeto e a sensação.

Esses cismas, por sua vez, privilegiam “a mente sobre o corpo, a ordem sobre o caos, a cultura sobre a natureza” resultando em “o masculino codificado no reino racional objetivo da realidade intelectualizada e o feminino ligado à esfera da matéria e da materialidade” (SCHILO, 2014). Em suma, parte do poder subjacente ao patriarcado são as consequências epistemológicas de uma transcendência que é totalmente diferente do imanente e do material. Enquadrar o transcendente como radicalmente outro descarta as maneiras pelas quais o presente pode servir como um canal para o novo.

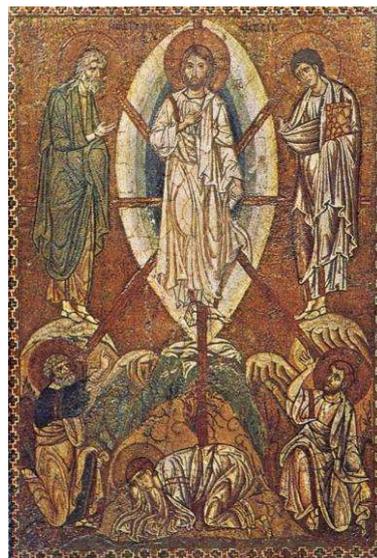
Para Irigaray, a religião em si foi uma das principais formas em que o simbólico masculino se manteve como fonte de desempoderamento da autoridade de mulheres (SCHILO, 2014). Jantzen compartilha o descontentamento de Irigaray, mas sua intenção é de recuperar ao invés de descartar: muito de seu trabalho posterior é uma tentativa de transformar a religião em vez de excluí-la. Em um nível amplo, essa transformação consiste em substituir a noção de Deus como um “super-ser todo-poderoso em um reino atemporal” (SCHILO, 2014), com o divino como “um horizonte divino para o devir humano” (SCHILO, 2014). A noção do “transcendente sensato” sugere que dentro do presente material e finito é possível experimentar a curva arqueada em direção ao futuro que nunca chega. Lembro-me de Paulo Freire aqui. Podemos continuar a nos tornar mais parecidos com o que devemos ser. A vocação ontológica da humanidade é humanizar-se. Para buscar ser mais, busque o ser-mais. Não há fim para as estradas que podemos observar.



Deve-se prestar atenção às particularidades das circunstâncias não apenas porque a justiça exige o pleno cuidado das condições materiais, mas também porque é na materialidade e relacionalidade que passamos a ser quem somos. Alves afirma algo semelhante em uma reflexão sobre o pensamento de Feuerbach: “Eu encontrei minhas ideias em materiais que podem ser apreendidos somente através dos meus sentidos” (ALVES, 1972, p. 13). Se consentirmos, nossos corpos podem fazer parcerias com a imaginação para servir como uma sementeira do futuro.

Não se permite o otimismo triunfalista do iluminismo. Não há muitas certezas. Há, entretanto, convites. Há, fundamentalmente, uma afirmação irrestrita da vida, do corpo, do futuro. De alguma forma este mundo de loucos é transfigurado diante da esperança daquilo que ele pode vir a ser, se o homem se dispuser a construí-lo (ALVES, 1972, p. 23).

Na matemática, o nome para a forma onde dois círculos se sobrepõem é chamado de “vesica piscis”, mas em italiano é “mandorla”, ou amêndoa. Esta é a mesma palavra que usamos na história da arte para descrever a forma da aparência da luz em torno de Nossa Senhora de Guadalupe, a imagem de Maria que apareceu para Juan Diego Cuauhtlatoatzin, um camponês chichimeca em Tepeyac, México, em uma série de visões a partir de 1531. O termo também é usado ao longo da iconografia da Igreja Católica Ortodoxa e Oriental, onde a mandorla é usada para retratar momentos sagrados que transcendem o tempo e o espaço, como a Ressurreição e a Transfiguração de Cristo (MANDORLA, 2020). Ela é um símbolo de sobreposição e saturação, de momentos tão plenos que transbordam além de si mesmos em algo mais.



Assim como “a beleza não pode ser independente e flutuar livre da questão física de uma pintura ou escultura” (JANTZEN, 1999, p. 272), a imaginação também tem suas raízes no presente. O modo como imaginamos Deus e como imaginamos o mundo para o qual Deus está nos convidando é moldado pelo que vimos e sentimos. No entanto, ele não se limita apenas ao que veio antes. Nossa imaginação é o espaço da sobreposição, uma sementeira que pode nutrir ideias de mudança no solo do presente.

3. Esperança é movimento em direção à utopia

Se a imaginação é a sementeira de conversão, então a esperança é o movimento em direção à utopia. Porque nós dizemos “Deus Morreu!” e “Viva Deus!” também podemos dizer “a utopia nunca chegará” e “vamos em direção à utopia!” Mas quando fazemos isso, não devemos fazê-lo abstratamente, fatalisticamente ou em qualquer sentido de que o sistema perfeito teria sido encontrado. Não, nunca dessa forma! Nosso movimento deve ser aquele que vê as pequenas coisas, que reconhece que tomar a experiência dos outros e do mundo pode abrir o infinito.

Esperança é coisa bela, que amo. Mas ela mora dentro da subjetividade, é coisa interior. E isto não me bastava. Eu não queria só continuar a ter esperança. Queria ser capaz de perceber os sinais de sua possível realização, na vida dos indivíduos e dos povos. Não me bastavam sonhos de jardins: era preciso saber que jardins poderiam e iriam ser plantados. O amor pelos jardins tinha de se transformar em manual de jardinagem. A esperança tinha de se exprimir como política (ALVES, 1988, p. 29).

O convite que nomeamos como Deus é como viver em um florescimento que deve ser encontrado na tentativa, na falha e na tentativa novamente. Sonhos com jardins não são suficientes. Mas esses sonhos são as sementes da ação. Esperança não é

esperar por algo que é certo, mas mover-se diante da incerteza. Não é um projeto para uma perfeição fria e distante. Um manual de política. Um manual de jardinagem.

Por que Alves proclama “Viva Deus!” depois de declarar “Deus Morreu!”? Ele o faz para que a morte de Deus não pareça tão definitiva que o presente ultrapasse o possível. É verdade que Alves pede que nos afastemos da certeza do Deus de Promessas: “Quem sabe o segredo do nome sagrado, nome que não pode ser pronunciado, o nome de Deus, sabe que tudo o mais não pode ser sagrado” (ALVES, 2005, p. 123). Também é verdade que afastar-se dessa certeza pode ser muito certo! “Não se permite o otimismo triunfalista do iluminismo. Não há muitas certezas.” Há uma maneira de ver a declaração da morte de Deus como uma espécie de apocalipsismo invertido. Interpretações da morte de Deus enquadradas como uma verdade final ou uma visão final encaixam muito bem no *leitmotiv* da revelação religiosa. Acho que Alves era sensível a essa inversão e queria transformá-la. Não o teísmo da morte de Deus ou o ateísmo da fé. Não a transcendência sobre a imanência ou a imanência sobre a transcendência. Mesmo para aqueles que são cristãos, podemos dizer que a verdade final não chegou. Como ela poderia ter chegado? Talvez Deus seja o Alfa e o Ômega e na cidade de Nova Jerusalém não haja templo, pois, seu templo é o Senhor. Mas nós somos um povo de entrelugares. O Deus do Fim Certo ainda não chegou hoje. Somos convidados para o que vem a seguir por um Deus que ainda está fazendo.

Em tempos de pandemia muitos vão querer se afastar da dor. Para aqueles que precisam se voltar à sua própria cura e saúde mental, acho que somos fiéis ao incentivá-los a encontrar descanso. Entretanto, para aqueles que podem, eu acho que é vital que continuemos a olhar e saber disso. Alves lembra que, “os símbolos bíblicos indicam claramente que o corpo de Deus, o corpo do Libertador, é o corpo dos oprimidos e despossuídos. E é a partir dessa solidariedade no sofrimento que o futuro é imaginado” (ALVES, 2011, p. 111). Saudade. Deus deseja um futuro para nós que ainda não chegou. Somos convidados pelo Deus da Saudade para olhar para o presente e ver lá o futuro pronto a acontecer. Olhar para o solo e ver um lar para as sementes. Sim, os sonhos de um jardim, mas também política para mais jardins. Há convites. Há uma afirmação irrestrita da vida, do corpo, do futuro. A teologia não é a coisa daqueles que acreditam em Deus, mas daqueles que têm saudade de Deus. E aqueles que têm saudade de Deus devem estar atentos porque a cada dia podem haver novos convites. Acordar de manhã. O cheiro de café. Cozinhar com minha filha. Oração. Silêncio. Esperança. Trabalho. Caminhar pela estrada.

Referências

ALVES, Rubem. Deus morreu, Viva Deus. In: ALVES, R.; et al. **Liberdade e Fé**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1972.

ALVES, Rubem. **Sobre Deuses e Caquis**. Comunicações do ISER, v. 7, n. 32, 1988.

ALVES, Rubem. **The Poet, The Warrior, The Prophet**. Philadelphia, PA: Trinity, 1990.

ALVES, Rubem. **Tomorrow's Child. Imagination, Creativity and the Rebirth of Culture.** Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2011.

ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte - ou o feitiço erótico-herético da teologia.** São Paulo: Loyola, 2005.

CDC. **What is Health Equity?** Centers for disease control and prevention. 01 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/community/health-equity/race-ethnicity.html>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

CORNELISSEN, Sharon; HERMANN, Alexander. A Triple Pandemic? The Economic Impacts of COVID-19 Disproportionately Affect Black and Hispanic Households. **Joint Center for Housing Studies of Harvard.** 07 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.jchs.harvard.edu/blog/a-triple-pandemic-the-economic-impacts-of-covid-19-disproportionately-affect-black-and-hispanic-households>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

DERRIDA, Jacques. "Of an Apocalyptic Tone Newly Adopted in Philosophy" in COWARD, H.; FOSHAY, T. (org). **Derrida and Negative Theology.** Albany: State University of New York Press, 1992, p. 25-72.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FROSCH, R.M.; PASTOR, M.; SADD, J.; SHONKOFF, S. **The Climate Gap Inequalities in How Climate Change Hurts Americans & How to Close the Gap.** California: USC PERE, 2018.

IRIGARAY, Luce. **The Ethics of Sexual Difference.** Ithaca: Cornell University Press, 1993.

JANTZEN, Grace. **Becoming Divine: Towards a Feminist Philosophy of Religion.** Indiana: Indiana University Press, 1999.

JANTZEN, Grace. **Foundations of Violence: Death and the Displacement of Beauty.** Nova Iorque: Routledge, 2004.

JANTZEN, Grace. **On Philosophers (Not) Reading History: Narrative and Utopia.** Nova Iorque: Routledge, 2007.

JANTZEN, Grace. **Violence to Eternity.** Nova Iorque: Routledge, 2008.

JENNINGS, Willie. **The Christian Imagination: Theology and the Origins of Race.** Yale: Yale University Press, 2011.

LINHARES, Bruno. Princeton Theological Seminary and the Birth of Liberation Theology. **Reflexus**, ano VIII, n. 12, p. 19-43, 2014.

MANDORLA. Verbete In: **Encyclopædia Britannica Online**, 2020. Disponível em: <<https://academic-eb-com.proxy.bc.edu/levels/collegiate/article/mandorla/50495>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

SCHILO, Ann. "Place Making: Some Reflections on Western Australian Art Practice." **The Australian Council of University Art and Design Schools 2003 - Conference Proceedings.** Jul. 2014. Disponível em: <<https://acuads.com.au/wp-content/uploads/2014/12/schilo.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

Submetido em: 24/01/2022

Aceito em: 28/02/2022